

CARRON: “O NATAL É O ENCONTRO COM A REALIDADE DOS HOMENS”

“Deus escolhe precisamente esta situação humana para desafiar a cultura do descarte com a novidade de um olhar que exalta o valor infinito de todo e qualquer homem”. A carta do Presidente da Fraternidade de CL no “*Corriere della Sera*” de 24 de dezembro.

por **Julián Carrón**

Caro Diretor,

Fracasso, insucesso, derrota das nossas tentativas. Falta de sucesso na vida. Quantas vezes não é este o critério com que uma pessoa é olhada (a nível profissional, existencial, afetivo). E quantas vezes isto não se torna o olhar com que olhamos para nós mesmos. **O resultado é a vergonha de si mesmo, por detrás da qual se escondem situações humanas feitas de feridas, lacerações, dores** que cada um guarda no seu íntimo como um mal-estar que às vezes explode a nível pessoal e social.

Se uma pessoa não tem sucesso, se não está à altura dos *standards* dominantes, que impõem o sucesso como critério de vida, então é para descartar. É aquilo a que o **Papa** (disse-o recentemente, ao falar dos deficientes e dos presos) chama de «**cultura do descarte**». Infelizmente esta cultura domina – a ponto de se tornar mentalidade comum – não só fora, mas também dentro de nós.

No meio de todo este descartar, será que sobra alguma coisa? Sim, permanece esta nossa humanidade ferida, irrequieta, confusa: **permanece e grita a espera por alguma coisa que nos liberte de uma situação que parece não ter saída**. Deus escolhe precisamente esta situação humana, que nenhuma tentativa parece capaz de mudar, para desafiar a cultura do descarte com a novidade de um olhar que exalta o valor infinito de todo e qualquer homem.

Diante dos nossos fracassos, são válidas hoje as palavras do profeta Isaías: «Exulta, ó estéril» (Is 54,1), ou seja, tu e eu, que nunca conseguimos atingir os *standards*. «Não tenhas medo, porque não voltarás a ser humilhada. Não te envergonhes, porque não voltarás a ser desonrada» (Is 54,4). **Eis o desafio que Deus lança à nossa forma tão feroz de nos olharmos** segundo a nossa medida ou a dos outros. Deus não tem vergonha de nós, da nossa fragilidade, das nossas feridas, do nosso sermos abanados por todos os lados, daquele niilismo que Galimberti descrevia no *Corriere della Sera* como «vazio de sentido» (15 de setembro de 2019).

Como é que Deus lança o seu desafio? Qual é o gesto mais poderoso que Deus realiza em relação a nós? **Não nos oferece uma palavra de consolo, mas acontece na nossa vida**. Para nos fazer perceber o quanto valem, o Verbo – Deus, o significado, a origem e o destino do nosso viver – fez-se carne e veio habitar entre nós (cf. Jo 1,14). Nada é mais convincente do que isto: o Senhor do céu e da terra assume a nossa humanidade. Fazendo-se carne, e permanecendo presente através da carne, da humanidade real de pessoas concretas, Ele pode abraçar qualquer situação humana, entrar em qualquer problema, em qualquer ferida, em qualquer expectativa do coração. **Pode fazer ecoar hoje, como palavras vivas, aquelas palavras pronunciadas pela primeira vez há dois mil anos** e que dão a medida exata da grandeza de cada um de nós: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perder a sua alma? Ou que poderá dar o homem em troca da sua alma?» (Mt 16,26). **O nosso eu vale mais do que o universo!** Don Giussani comentava desta forma as perguntas de Jesus: «Nenhuma mulher alguma vez ouviu outra voz falar do seu filho com semelhante ternura original e indiscutível valorização do fruto do seu seio, com uma afirmação totalmente positiva do seu destino; só a voz do hebreu Jesus de Nazaré. Mas, mais ainda, nenhum homem se pode sentir definido a si próprio com esta dignidade de valor absoluto,

independentemente das suas capacidades. Jamais alguém no mundo pôde falar assim!» (*Gerar rasto na história do mundo*, pp7-8).

Quando este olhar que valoriza o homem entra na vida de uma pessoa, deixa-a espantada e sem palavras, inaugura nela um olhar sobre si mesma que de outra forma não seria possível. Tal como pude constatar nos últimos dias, ao receber a carta de uma jovem amiga: «Quanto mais caminho debaixo deste olhar, mais se tornam queridas para mim todas as feridas que tenho, as minhas pequenezes, as minhas dores, as coisas que não compreendo em mim, os medos, as mesquinhezes, os pecados. Eu sei que todos eles são a possibilidade de me aperceber do Senhor que passa, porque me deixam desarmada, necessitada, pequena. Espanto-me com o facto de já não querer censurar mais nada de mim, aliás, obstinadamente, quero olhar para tudo até ao fundo. A minha humanidade só me é querida porque é abraçada assim pelo Senhor que vem».

Vem-me à cabeça uma página inesquecível deste **encontro com Cristo presente através da humanidade mudada de uma testemunha sua**: «Assim que entrou o *Inominado*, Federigo foi ao seu encontro, de rosto atencioso e sereno, e de braços abertos, como a uma pessoa desejada; [...] “há tanto tempo, tantas vezes, devia eu ir ter consigo”. “Ter comigo, vós! Sabeis quem sou? Disseram-vos bem o meu nome?”. [...] “Deixai”, disse Federigo, prendendo-a com amorosa violência, “deixai-me apertar esta mão”. [...] Assim dizendo, estendeu os braços ao pescoço do *Inominado*; o qual, depois de ter tentado subtrair-se, e resistido um momento, cedeu, como que vencido por aquele ímpeto de caridade, abraçou também o cardeal. [...] O *Inominado*, soltando-se daquele abraço, [...] exclamou: “Deus na verdade é grande! Deus na verdade é bom! Agora eu conheço-me, compreendo quem sou”» (Os noivos). O ponto verdadeiramente interessante é que a experiência do *Inominado* que Manzoni descreve **está ao alcance de todos, vemo-la voltar acontecer** em pessoas como aquela minha jovem amiga.

É esta a «boa nova» que o Natal nos traz. **Não só boas palavras, mas o encontro com uma realidade humana, carnal, que desafia o nada que avança** e nos permite olhar inteiramente para nós mesmos – como somos – sem vergonha, porque Jesus de Nazaré não se envergonhou de entrar na nossa carne tornando-se homem. O Natal é o menino envolto em faixas que nos diz: «Por que não olhas para ti como eu te olho, como olho para a tua humanidade? Não percebes que me fiz menino precisamente para te mostrar toda a preferência que tenho por ti?»

**presidente da Fraternidade
de Comunhão e Libertação*